



A relação Portugal-Espanha em *A jangada de pedra*: por uma identidade ibérica

Bruna Sommer Farias*

Resumo: Este trabalho objetiva analisar como se dá a representação da relação entre os países ibéricos, Portugal e Espanha, na obra *A Jangada de Pedra* (1986), de José Saramago. Com base na noção de *comunidade imaginada* proposta por Hall (2006), e de nacionalidade apresentada por Anderson (1989), discute-se a representação da relação Portugal-Espanha enquanto unidade que compõe a ibericidade. A análise permeia as trajetórias e os discursos das personagens com relação a suas origens nacionais, o modo como se relacionam e como se posicionam diante da ruptura da península. O narrador, em sua condição onisciente e de atitude invasiva, também contribui para a construção da noção de *identidade ibérica*, através do modo com que guia o leitor pelo processo de busca interior das personagens, em um plano individual, e pelo processo de busca identitária da península ibérica como um todo, em um plano coletivo, representado pelas ideias de ruptura e de intemporalidade dos feitos do povo ibérico.

Palavras-chave: identidade, ibericidade, Portugal, Espanha, Saramago

Abstract: This work aims at analyzing in which way the representation of the relation between the Iberian countries, Portugal and Spain, occurs in the book “The Stone Raft” (1986) by José Saramago. Based on the notion of “imagined community” proposed by Hall (2006), and “nation-ness” presented by Anderson (1989), the relation Portugal-Spain as a unity which composes the ibericity is discussed. The analysis permeates the paths and the discourses of the characters in relation to their national origins, the way they relate to each other, and how they position themselves about the peninsula’s rupture. The narrator in its omniscient condition and its invasive attitude also contributes to the construction of the notion of Iberian identity with the manner he guides the reader through the identity searching process of the characters, in an individual layer, and by the identity searching process of the Iberian Peninsula as a whole, in a collective layer, represented by the ideas of rupture and intemporality of the Iberian people’s deeds.

Keywords: identity, ibericity, Portugal, Spain, Saramago.

Por meio da metáfora de uma grande jangada de pedra que viaja mar afora, Saramago constrói a história de portugueses e espanhóis que habitam a península ibérica recém desprendida da Europa. De que forma reagem os viventes desta região, antes parte de um continente, agora uma porção de terra que se constitui apenas de interrogações? O que representou tal desprendimento para as nações Portugal e Espanha e como se encontra a questão identitária de um novo povo que se forma a partir de uma nova concepção política e geográfica?

Ao retratar o momento de ruptura da península ibérica do restante da Europa, através do distanciamento inicial das fronteiras entre Espanha e França, Saramago utiliza-se de

* Licenciada em Letras na UFRGS, mestranda em Teorias do Texto e do Discurso pela mesma universidade.

recursos fantásticos para criar um universo que toca o âmago do imaginário da chamada *cultura ibérica*. Em uma tentativa de valorizar este sentimento de orgulho nacional que une os dois países da península, o autor concebe uma estratégia discursiva que pode ser analisada enquanto uma narrativa da nação, com ênfase nas origens, na continuidade e na intemporalidade dos feitos do povo ibérico.

Para tanto, o autor, com seu narrador onisciente e invasivo, relata a trajetória de cinco personagens principais que se aventuram pela península em busca de um entendimento para a nova condição de seus povos e de si mesmos. Assim como a península sofre um acontecimento estranho, Joaquim Sassa também não entende como pôde arremessar uma pedra tão maior que ele e ainda assim fazê-la quicar na água. Encontra-se com o também português José Anaiço, que é seguido estranhamente por estorninhos por onde quer que vá, e juntos procuram por Pedro Orce, o espanhol andaluz que misteriosamente sentia o chão tremer. Em sua empreitada, encontram a portuguesa Joana Carda que, ao riscar uma vara de negrilho no chão, imprimiu uma profunda marca que não mais saiu. Por fim, o cão Ardent, batizado mais tarde de Constante, os guia até a galega Maria Guavaira, através de um fio azul em sua boca, que vem de uma meia de lã que está em posse dela. Todo o grupo, cada um com sua história e sua origem, vivencia diversas emoções e discussões acerca de si e da península, de modo que contribuem para a construção de uma narrativa de nação, que agora parte rumo a uma nova constituição.

Hall (2006) defende que “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (2006, p. 50). Tais características culturais fazem com que as personagens na obra “*A Jangada de Pedra*” expressem suas posições acerca de suas origens de formas peculiares. No momento em que José Anaiço e Joaquim Sassa encontram Pedro Orce para perguntar se é verdadeira a asserção de que este sente o chão tremer, o diálogo se desenrola da seguinte maneira:

Somos portugueses, escusada a declaração, basta ouvi-los falar para logo se perceber que o são, mas, enfim, é de humano costume declarar o que somos antes de dizer ao que vimos, mormente em casos de tanta importância viajar centenas de quilômetros só para pergunta, ainda que não por estas dramáticas palavras. (SARAMAGO, 1988, p. 77)

Neste excerto, é possível identificar a importância que o espanhol Pedro Orce dá à questão da origem, no sentido de dizer quem se é antes de esclarecer o que se faz ou o que nos move. José e Joaquim também expressam tal posicionamento por inicialmente declararem que são portugueses, a fim de estabelecer logo de início uma tentativa de identificação com o interlocutor, que é espanhol, assim relacionando os países da península e a situação inusitada

pela qual também estão passando, ao presenciarem situações irreais: como os estorninhos que seguem José Anaiço e a pedra descomunal lançada por Joaquim Sassa. Já no início da história, portugueses e espanhóis encontram-se com os caminhos entrecruzados.

Ao relatar os acontecimentos que dizem respeito a Portugal e à Espanha na obra, o narrador utiliza a simbologia comum aos dois países em contraposição aos outros países em questão. No desenrolar do trecho que se inicia na página 42 (SARAMAGO, 1988), a Comunidade Europeia afirma que o afastamento da península não interferiria nos acordos econômicos com a Europa, considerando o afastamento como mínimo. Alguns até mesmo citaram a situação da Islândia e da Groenlândia que também estão afastados e que “de Europa têm tão pouco”, comparando tais situações à nova condição ibérica. Em reação a isso, houve o repúdio dos comissários português e espanhol de forma enérgica, considerando a “atitude desalegramente provocatória e indubitavelmente anticomunitária”. Em seguida, o narrador acrescenta que os comissários proclamaram, “cada qual na sua língua, o conhecido ditado ibérico, Os amigos são para as ocasiões”. Em tal cena, é possível verificar o posicionamento de Portugal e Espanha como parceiros unidos em suas idiossincrasias: a diferença linguística mantém sua identidade enquanto países distintos, mas o ditado, posto como ibérico, une suas culturas.

Tendo noção da complexidade do termo “identidade”, Hall argumenta que as identidades construídas a partir das comunidades imaginadas “são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro” (HALL, 2006, p. 56) e se compõem diante de um foco de identificação e um sistema de representação. Essa relação ambígua entre o passado e o futuro é ilustrada na obra quando, ao sair de Venta Micena com os novos companheiros de viagem, Pedro Orce indica as serras que por ali se encontram em um sentimento nostálgico. Por fim, diz: “Vamos, era tempo de deixar o passado entregue à sua quieta paz” (SARAMAGO, 1988, p. 82). Ao reconhecer que o momento que estava por viver se sobreporia ao já vivido, situando sua vida em Venta Micena no passado, Pedro Orce reconhece que um novo tempo está por vir. Assim, ele segue a viagem entretendo os viajantes com o relato de suas aventuras e acrescentando pormenores vividos em terra espanhola.

A mesma personagem, Pedro Orce, conta fatos históricos da Espanha para os portugueses, em um movimento da narrativa que vai em direção, mais uma vez, da valorização das origens e dos feitos do povo ibérico. Na página 265, narra a batalha de 1521 de Villalar, que envolveu as comunidades da Espanha contra o imperador Carlos Quinto. No entremeio desta conversa, José Anaiço cita a batalha de Alcácer Quibir, da qual Maria Guavaira nunca tinha ouvido falar. Assim, ele explica a participação do rei D. Manuel em tal

batalha, que contribuiu com dinheiro. Diante destas cenas, é possível verificar um posicionamento das personagens frente aos fatos históricos de seus países, Portugal e Espanha, como um orgulho em repassar o relato adiante. Ao compartilhar as histórias, a relação Portugal-Espanha se estreita, e a identificação dos dois povos é vista enquanto uma unidade, já que ambas as culturas vivenciaram períodos passados de glória, aventuras e feitos que marcaram conquistas importantes em termos de território e política em seus países.

Assim, é possível verificar a estratégia do narrador como forma de unificar a identidade destes dois povos em termos de ibericidade, utilizando-se de uma narrativa de nação com ênfase na intemporalidade do povo ibérico, como já explicitado anteriormente. Dessa forma, ele descreve as reações dos povos por onde o grupo de viajantes passa: “Mas daqueles portugueses e espanhóis que vieram na galera e já partiram, as mulheres de Villalar só dizem bem, Em preço e qualidade foi da gente mais honesta que por aqui tem passado” (SARAMAGO, 1988, p. 267).

Tal estratégia prevê o uso de elementos fantásticos, como a narração que segue ao trecho recém explicitado, onde o narrador conta o sonho que o cão tem: desenterra caveiras e crânios de pessoas mortas nas batalhas, cujos restos são encontrados mais tarde por garotos a brincar em um campo de trigo, em uma figura que remete ao esquecimento e à desvalorização das conquistas passadas. Dessa forma, a relação que Portugal e Espanha têm com seu passado e o modo como as pessoas veem tais feitos históricos aqui também estão unidos em uma única visão de mundo, a qual indica a desvalorização das conquistas que ajudaram a formar os países como são hoje.

Anderson (1989) define o termo “nacionalidade” (*nation-ness*) como sendo um “artefato cultural peculiar” (p. 12). Assim, propõe que a definição de nação seja a de comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente soberana. Tal conceito, para o autor, está relacionado com a ideia de que é “imaginada porque nem os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão”. Em *A Jangada de Pedra*, esta comunhão entre Portugal e Espanha em sua ibericidade é ilustrada principalmente por meio da situação peculiar em que ambos estão situados após a ruptura da península, o que os leva a agir solidariamente uns com os outros, em especial os que assumiram a sua nova condição de povo sobre uma “jangada de pedra” flutuante e não se refugiaram em países europeus vizinhos.

No excerto a seguir, é claro o modo com que se tratam diante das adversidades: “e aqueles a quem veio acabar-se o dinheiro nem assim passaram fome, onde comia um comiam

todos, estamos em tempo de irmãos recomeçados, se é humanamente possível ter sido e tornar a ser” (SARAMAGO, 1988, p. 86). A questão de “ter sido e tornar a ser” mais uma vez remonta à ambiguidade em que se situa a condição de ibericidade, uma vez que a consideração de portugueses e espanhóis estarem unidos retoma o passado para colocá-lo em direção a um futuro, que agora se encontra em nova condição de amanhã.

Apesar disso, o autor descreve um episódio que teria acontecido em toda a Europa, onde misteriosamente apareceram inscrições em diversas línguas da frase “Nós também somos ibéricos”, sob um movimento de jovens que se identificaram com a situação da península. Inicialmente os países não deram importância ao fato, mas, percebendo que o posicionamento se espalhava por toda a Europa, com inscrições em esperanto, em polonês e até em latim, no Vaticano, organizou-se uma mesa de discussões, a qual incluía portugueses e espanhóis que abandonaram a península, ao perceber o rompimento com a Europa, para falar dos problemas daquela região. Mesmo com diversas pessoas repelindo o novo patriotismo defendido pelos jovens, muitos continuaram seus protestos em favor de uma identidade ibérica, muitas vezes utilizando-se de violência e fanatismo. A situação de um holandês combatido pela polícia foi retratada mais de perto pelo autor, conforme se percebe no excerto abaixo:

Para os almanaques de memórias e lembranças ficou a última frase daquele gentil moço holandês, atingido por uma bala de borracha que, por deficiência de fabrico, saía mais dura que aço, mas a lenda tomará logo conta do episódio e cada país jurará que o mocinho era seu, ficando a bala, claro está, por reivindicar, e a frase não o foi tanto pelo seu significado objetivo, mas por ser bela, romântica, incrivelmente jovem, e os países gostam disso, principalmente de causas perdidas, como esta, Enfim, sou ibérico, e tendo dito isto, expirou (SARAMAGO, 1988, p. 157).

A partir deste relato, é possível verificar com que entusiasmo o narrador descreve a atitude do manifestante que, mesmo em seu leito de morte, não se arrepende e de que a reivindicação da sua condição de ibérico tenha tido um fim trágico. Em face de sua morte de certa forma heroica, o narrador afirma que muitos países, ao defender a ibericidade, tomarão o holandês por mártir, mesmo que a causa seja perdida. Assim, a ibericidade enquanto comunidade imaginada é estendida em forma de reconhecimento de diversos povos europeus, representados pelos jovens que defendem a causa neste episódio do livro. Podemos então visualizar este sentimento compartilhado não apenas por Portugal e pela Espanha.

Por conseguinte, as personagens reafirmam seus objetivos com a viagem aventureira, que se concentra em ver com os próprios olhos a separação da península. Pedro Orce explica a um viajante:

mas quando a Espanha se estava a se separar da França resolvi ir ver com os meus próprios olhos, A Espanha não, a península ibérica, Ou isso, E não foi da França que a península se separou, foi da Europa, parece a mesma coisa, mas faz sua diferença (SARAMAGO, 1988, p. 284).

Em tal excerto, é possível notar como a questão da separação da península ibérica é reforçada enquanto um conjunto de países que se separa, e não apenas a Espanha por sua fronteira estar ligada à França. Assim, Pedro Orce também faz questão de explicitar que a ruptura não se dá somente com a França, mas com toda a Europa que é ligada à Península pela França. Tal afirmação fortalece a concepção de uma separação da Espanha e de Portugal como um conjunto nesta mudança, através de uma representação geográfica dos países que também traz a profundidade da relação entre seus povos em termos de história e cultura.

Com relação a este novo momento da península enquanto um conjunto único dentro do cenário político e geográfico mundial, é interessante notar o fato do engravidamento coletivo ao fim do livro como indício representativo da esperança de um novo futuro possível em termos de um povo ibérico unido. Através da utilização dos recursos fantásticos, mais uma vez o autor usa tais recursos para representar esta condição, como expresso no excerto a seguir:

a península é uma criança que viajando se formou e agora se revolve no mar para nascer, como se estivesse no interior de um útero aquático, que motivos haveria para espantar-nos de que os humanos úteros das mulheres ocupasse, acaso as fecundou a grande pedra que desce para o sul (SARAMAGO, 1988, p. 306)

Ao metaforizar a nova condição da península como uma criança que se forma ao viajar mar afora, o narrador constrói sua crença em uma nova geração formadora do povo ibérico, que nasceu da fecundação do útero das mulheres pela “grande pedra”. O nascimento coletivo de novas vidas na península também provém dos novos paradigmas amorosos que se desenvolvem em uma península à deriva, os quais pressupõem que se viva o presente e que nele os afetos se estabeleçam com respeito e solidariedade, de modo a engendrar uma nova humanidade.

Dessa forma, a nova condição das pessoas que já viviam na península antes do desprendimento da Europa compõe-se de um momento de reconstrução identitária com base nas relações que já existiam entre o povo português e o povo espanhol e que foram sendo explicitadas ao longo da obra. Pedro Orce mesmo enunciou: “Nestes tempos de agora é difícil encontrar alguém que esteja onde sempre esteve” (SARAMAGO, 1988, p. 294), de modo a ressaltar que há uma busca interior do indivíduo por aquele que é e pelo povo do qual faz parte. A concepção de identidade ibérica é ilustrada no romance também através da relação das personagens principais, os quais mantêm relações amorosas entre si, e ao fim não se sabe

se os filhos que Maria Guavaira e Joana Carda esperam são do espanhol Pedro Orce, com quem se relacionaram por uma noite por julgar estar ele muito carente, ou se são de seus parceiros portugueses, Joaquim Sassa e José Anaíço, respectivamente. Tal dúvida contribui para a ideia de nascimento de um só povo formado por portugueses e espanhóis.

Outras imagens de morte e renascimento descritas ao fim do livro também remetem para a construção de uma nova identidade posta como ibérica: ao falecer Pedro Orce, o graveto que compõe a cruz de seu túmulo é visto como possibilidade de compor um relógio de sol. Além disso, a vara de negrilho de Joana Carda, finalmente, aparece verde com a possibilidade de florescer.

Desta forma, a comunidade ibérica enquanto comunidade imaginada por Saramago é retratada como possível, de modo que o autor se baseia nas origens de Portugal e Espanha. Tais países estão retratados nas personagens e em seus discursos, de maneira a lançá-los mais uma vez na intemporalidade de seus feitos, o que resulta em uma narrativa de nação a qual se direciona para a continuidade de tais povos em comunhão de sua ibericidade.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.